

Título: A COR AZUL

©2021 Jaime Soares e Editorial Novembro

Autor: Jaime Soares

Revisão: Ana Graça

Coordenação Editorial: Editorial Novembro, Edições Cão Menor

Conceção e Produção Gráfica: Editorial Novembro, Edições Cão Menor

1.ª edição: Março de 2021

Impressão e Acabamento: PENAGRÁFICA - ARTES GRÁFICAS, LDA.

Depósito legal n.º: 480824/21

ISBN: 978-989-53077-4-6

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro

Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro

Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,

4760-162 Vila Nova de Famalicão

www.novembro.pt

telf. 252 861 330

A COR AZUL

JAIME SOARES

VENCEDOR DO PRÉMIO
LITERÁRIO GERMANO SILVA 2018
ROTARY CLUB DE PENAFIEL



EDITORIAL
NOVEMBRO

Dedicado aos avós

TESOURO



“Dormir é meio sustento”, ouvia em criança. Uma frase repetida por aldeões quando, da terra, se colhiam poucos frutos.

A malga dos avós parte na cozinha. O agricultor desperta. Qual flecha, afasta-se da mesa, fazendo a cadeira tombar. Grita pela esposa, Lara. Fita-a, corada. Ajoelha-se, bafeja na tijoleira, apanha os cacos para um saco; doem-lhe as costas.

A cozinha está quase arrumada. O agricultor inclina-se sobre a mesa, cheia de broa, e retoma a sesta. Na eira há milho por limpar, mas o casal quer secá-lo ainda mais. A cabeça do agricultor repousa sobre o braço moreno. Sorri, como quem viaja para longe ou desce fundo. Por sua vez, Lara quer ir o quanto antes para casa da patroa. Caminha de cabeça baixa, parecendo contar cada passo, em direcção à porta azul. Fecha-a sem olhar para trás.

Como quem deita a mão ao relógio, o agricultor acorda agora. Ajeita o bigode, esfrega a careca, sobe à eira. Acende um cigarro; olha ao redor para a paisagem transformada em pedras e ramos. Entretanto, os animais mugem lá no estábulo. Ronca-lhes que esperem.

O milho vai secando. Pensa na margem de um rio prestes a desaparecer na qual se misturam folhas e carolos. Gosta do que vê, acha que é bom. Não se imagina a viver longe da terra.

O final do dia resulta abrasador. O casal toma banho no pátio que dá para a cozinha: gelo e dois dedos de água no alguidar. A jardineira e as ceroulas dele ficam espalhadas pelo chão. Dela, apenas a bata.

Mas durante o acto de higiene Lara costumava ser uma aficionada da conversa. Dos mexericos. O som e a forma da água não lhe apaziguavam o espírito...

O agricultor pergunta-lhe porque se encontra tão calada. De olhos fechados, agachada, obriga-se a não fingir mais, respira só pelo nariz, começa a limpar-lhe o joelho. Lava-lhe e esfrega-lhe o pénis até ele cuspir para o pescoço. E, então, decide contar-lhe. Sem fazer perguntas.

Com efeito, ela quer deixar a casa para trás; a vida de campo. Diz-lhe que sonha viver na cidade. Renunciar ao direito do gado, das pastagens, rações. Ele trabalharia numa fábrica, como os demais agricultores que abalaram da terra. E ela, num monte de casas das patroas que sonhava estarem à espera.

O sabão azul cai no cimento. O agricultor seca a cabeça e deixa escapar três ou quatro lágrimas. Não diz palavra. Apanha e arremessa a barra rectangular, que acaba engolida por um buraco sob a eira, por entre as begónias. Secam-se à mesma toalha e vestem uns trapos. Lara chora em silêncio. O agricultor agarra-lhe o braço e entram na cozinha.

É sobre a mesa, sopa de feijão, ossos de suã, pão de milho, caneca de vinho, rodela de chouriço. Azeitonas ainda no galho com folhas.

Sentam-se a rezar de mão dada, mas Lara não pára quieta. O agricultor tem medo de apertar com demasiada força. Mal se entreolham. Ela começa a sentir-se uma miniatura de si mesma. Finda a reza, a comidinha não quer ir para baixo. Empurram-na com vinho.

Lara vai-se deitar; são nove da noite.

O agricultor entra no Café do Ribeiro. Acende um cigarro

e, ao balcão, manda vir um copo de vinho.

“Ajuda-me a empurrar a mota, meu”, diz António.

“Empurra-a tu! Pensas que ando cheio de folia. De costas ao alto.”

“A mota não me pega. Ui! Estás *prai* com uma cor esquisita. O que te mordeu?”

“Um dia de trabalho e calor. Não é *pra* qualquer um”, diz o agricultor dando uma golada.

“Acalma-te! Ainda me mandas a máquina fotográfica ao chão. Depois não vês o que me pediste...”

“Olha a máquina dele! Também tiraste o dia *pra* me lixar a cabeça? O que foi?”

“Sem fazer perguntas. Vem!”, diz António saindo do café.

É manhã e, com a língua de fora, os bois levam o arado. O agricultor está a tratar o campo para o nabal. Arrasta-se à frente dos animais. Tem a vara azul na mão e o chapéu no bolso da jardineira. Não há ninguém nos arredores. O cigarro queima-lhe o canto da boca, mas é como se já não o queimasse. Poeira e raízes levantadas parecem cravar-se-lhe na pele. E a terra vai deitando fumo.

Assim que acaba de fumar, uma espécie de esfera atravessa o céu em câmara lenta. Escuta-a por pouco tempo, como se algo, agora, recomendasse um minuto de silêncio. Observa os bois atirados à terra.

Mal os terrões se levantam à altura média de um adulto, a bola dos céus cai. Para o agricultor, as coisas azulam; dói-lhe a respirar. Não sabe o que fazer ou aonde ir. Um dos pilares da ponte sacudido. Junto a este, um crescendo de tons azuis,